

Folha S. Paulo

Outubro/2011

10/10/2011 - 17h27

Grupo de médicos contesta fim do teste de câncer de próstata

GIULIANA MIRANDA
DE SÃO PAULO

Recomendar 79 +1 0

O grupo de médicos ligados ao governo americano que pede que homens saudáveis não façam mais o principal exame de sangue que detecta o câncer de próstata já encontra resistências.

Médicos pedem fim de exame de sangue para câncer de próstata

Na última quinta-feira (6), o US Preventive Services Task Force --grupo de pesquisadores que influencia nas decisões de saúde pública nos EUA-- disse que não há provas contundentes de que o PSA (antígeno prostático específico, em inglês) rastreie a doença.

Além disso, o grupo afirma que os inconvenientes decorrentes de falsos diagnósticos podem superar os benefícios de testar alguém sem sintomas suspeitos da doença.

O PSA detecta a elevação de uma proteína produzida pela próstata e é um indicativo de câncer.

Uma dosagem alta de PSA, porém, também pode ser sinal de uma infecção ou crescimento benigno exagerado da próstata, levando a diagnósticos de falso-positivo.

Associações médicas nos EUA e outras partes do mundo já repudiaram a decisão. Celebridades que tiveram a doença, como o ex-prefeito de Nova York Rudolph Giuliani, também.

NO BRASIL

"O PSA não é perfeito, mas pedir o seu fim é uma atitude criminosa. Nós estaremos condenando pessoas à morte", disse Joaquim de Almeida Claro, professor de urologia e coordenador do Hospital do Homem de São Paulo.

Segundo o médico, a adoção do PSA, a partir de meados dos anos 1980, representou um salto no diagnóstico precoce da doença, possibilitando a ampla taxa de cura conseguida hoje.

Franz Campos, coordenador da área de urologia do Inca (Instituto Nacional do Câncer), também chama a atenção para o aumento da identificação da doença trazido com o PSA e diz que o exame não deve parar de ser usado, pelo menos no curto prazo.

"Estamos caminhando para outras formas mais precisas de diagnóstico, mas, sem dúvida, o PSA é atualmente o melhor que nós temos disponível", afirmou.

A força-tarefa que pediu o fim do PSA afirmou que a popularização do teste teve consequências devastadoras, aumentando o número de biópsias e tratamentos que poderiam ter sido evitados.

Esse "supertratamento" causou, segundo o grupo, problemas que vão desde incontinência urinária e impotência sexual até a morte.

Para os pesquisadores, não saber o que está acontecendo na próstata pode ser o melhor caminho.

Estudos realizados em autópsias indicaram que um terço dos homens entre 40 e 60 anos têm a doença. Uma proporção que sobe para três quartos na faixa acima de 85.